

O TRADUTOR: PAPÉIS TEMÁTICOS SOB O OLHAR DA SEMIÓTICA

Cecília Maculan Adum
Mestrado/UFF
Orientadora: Lúcia Teixeira

Introdução

Para sabermos o significado dos termos tradutor e tradução, podemos recorrer a dicionários, a tratados sobre tradução, ensaios e discussões em vários campos do conhecimento, como teoria da literatura e mesmo o campo próprio da teoria da tradução. No entanto, para refletir sobre tradução, escolhemos trabalhar, no âmbito da teoria semiótica, com a resposta às seguintes questões: quem é tradutor? O que quer, o que sabe, o que deve e o que pode o tradutor?

Para isso, pretendemos fazer uma definição semiótica do papel temático do tradutor. Organizamos um corpus com depoimentos e obras escritas por tradutores e/ou estudiosos da tradução. Na apresentação de hoje, vamos nos utilizar das obras *A tradução vivida*, de Paulo Rónai, e *Dire quasi la stessa cosa*, de Umberto Eco. Em trechos selecionados dessas obras, vamos determinar os papéis temáticos do tradutor, valendo-nos dos conceitos teóricos de configuração modal, tema, figura e papel temático.

As configurações modais, ainda no nível narrativo, moldam as competências e as habilidades do sujeito e realizam-se como um *saber*, um *poder*, um *querer* e um *dever ser/fazer*, que lhe possibilitam, então, executar (ou não) sua performance (no caso, a tradução). De acordo com José Luiz Fiorin,

Parte-se da constatação de que só pode executar uma ação quem possuir pré-requisitos para isso, ou seja, de que o fazer exige condições prévias. Só pode realizar uma ação o sujeito que quer e/ou deve, sabe e pode fazer. É isso que se chama competência modal do sujeito. A modalização do fazer é a sobredeterminação de um predicado do fazer por outro predicado (querer/dever/saber/poder). (FIORIN, 2000, p. 174)

As noções de tema e de figura estão direta e respectivamente ligadas aos conceitos de tematização e figurativização, sendo ambos "níveis de concretização do sentido. Todos os textos tematizam o nível narrativo e depois esse nível temático poderá ou não ser figurativizado"(Fiorin, 2013, p. 90). De acordo com José Luiz Fiorin, "temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc."(2013, p.91)

Ainda de acordo com o linguista brasileiro,

figura é o termo que remete a algo existente no mundo natural (...) Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural (FIORIN, 2013, p. 91).

Papel temático, nas palavras de Greimas, é "a representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático"(Greimas; Courtés, 2016, p. 496) , podendo-se apontar, por exemplo, o papel temático de "tradutor" como condensador do percurso do "traduzir".

Quem é tradutor?

Já na Roma antiga, a tradução e, conseqüentemente, o tradutor eram representantes de uma importante atividade cultural, uma vez que possibilitava a assimilação dos valores da cultura helênica por parte da sociedade latino-romana. Desde então, e até os dias atuais, anônimos e célebres nomes executam essa função tão importante quanto polêmica. Ao longo da história humana (ocidental, vale dizer), percebemos que aqueles que se dedicavam à tradução não o faziam de modo exclusivo, já que tal atividade ainda não configurava um ofício profissional¹. Uma breve leitura de qualquer um dos volumes de *Brevíssima história da tradução no Ocidente*, de Mauri Furlan, ou mesmo de *A tradução vivida* ou *Escola de tradutores*, ambos de Paulo Rónai, permite-nos notar que, no decorrer do tempo, o tradutor possuía, primeiramente (ou ao menos paralelamente) uma 'profissão' oficial, que poderia ir de escritor ou poeta a político, de clérigo ou monge a preceptor, entre tantas outras. Julgamos relevante, a

¹ De acordo com Rónai, a profissionalização desse ofício ainda é discutível.

título de lustração (indireta) de uma entre tantas figuras do tradutor, relembremos brevemente alguns dos nomes de personagens célebres que atuaram (tanto de forma recorrente quanto de modo pontual) como tradutores.

Em se tratando da Roma antiga, cabe apontar dois importantes nomes: Lívio Andronico e Cícero. O primeiro, além de ex-escravo e preceptor dos filhos de seu ex-senhor, foi um renomado escritor e poeta, sendo considerado o "primeiro tradutor europeu"², e tendo realizado a tradução para o latim da *Ilíada* (e, posteriormente, a *Odisséia*). O segundo, célebre orador, influente político e renomado escritor, destacou-se também como tradutor, sendo considerado, juntamente a Horácio, um dos precursores na teorização da tradução. Durante a alta Idade Média, antecedendo os anônimos monges-tradutores (séc. IX-XII), que realizavam uma tradução literal (*mot-a-mot*) de textos e escrituras religiosos, consideramos fundamental citar dois nomes: São Jerónimo (331-420) e Boécio (470?-524). Quando em vida, e, portanto, antes de se tornar santo, Hyeronimus teve importante atuação enquanto tradutor oficial da Bíblia, tendo-lhe sido atribuído, posteriormente, o "título" de patrono dos tradutores. Boécio, por sua vez, foi, além de renomado filósofo romano, notável na atividade tradutória, tendo defendido particularmente a chamada tradução literal. Entre o final da Idade Média e o início do Renascimento (séc. XIII - XV), em particular (mas não exclusivamente) na Itália, ocorre o chamado Volgarizzamento³, ou seja, a tradução (livre) de textos latinos para a então denominada língua vulgar. Nesse cenário, atuam, como tradutores, figuras ilustres como Leonardo Bruni e Giovanni Boccaccio. Até mesmo o "pai" da língua italiana, Dante Alighieri, deu seus (célebres) passos no caminho da tradução.

A partir de então, e até os dias de hoje, ao lado de inúmeros anônimos, grandes nomes deixaram sua marca no mundo da tradução; nomes que vão desde Martinho Lutero até Umberto Eco, passando ainda por Goethe, André Gide, Ezra Pound e Italo Calvino, não se podendo esquecer Paulo Rónai. Em relação a este último, cabe dizer que se trata não apenas de um renomado tradutor, mas também de um importante teórico da tradução que, juntamente a Umberto Eco, utilizaremos, por meio de três obras

² BALLARD, 1992, P.38, apud FURLAN, 2001, V.1, P. 1

³ Vulgarização

selecionadas⁴, como espécie de norteadores para nossas explicações e pesquisas, e cujas referidas obras nos servirão de *corpus* no que concerne à análise semiótica.

Parece-nos importante que a história tenha privilegiado (referindo em publicações especializadas) apenas os nomes de pessoas já célebres que tenham atuado também como tradutoras. A importância está justamente no não-dito, naqueles não-nomeados: os incontáveis tradutores anônimos. São esses anônimos que, ao longo do tempo e da história humana, propiciaram a ampla divulgação não apenas da obra original, como também do ofício da tradução. Esses mesmos tradutores anônimos fizeram com que se construísse a imagem variada que o mundo tem do sujeito que é tradutor.

Apropriado nos parece, ainda, abordar a dicotomia anonimato x celebridade, para que se possa (antes de se falar em papel temático), a partir do modo como a tradução e o tradutor são referidos no discurso, retomar dois valores tratados em semiótica: *valores de universo* e *valores de absoluto*⁵.

Falar em valores de absoluto em um discurso implica falar de um *regime de exclusão e concentração*, que opera através do *fechamento* e da *triagem*, buscando assim a unicidade e a exclusividade. E é essa sintaxe de transformação rumo aos valores de absoluto que pode ser percebida nos diversos textos que privilegiam os célebres tradutores em detrimento daqueles que traduzem no anonimato.

Pode-se (erroneamente, cabe dizer) pensar que a fama e a notoriedade signifiquem a excelência de uma tradução. Todavia, não há nenhuma garantia de que isso venha a ocorrer, uma vez que, ao lado das irretocáveis traduções realizadas por Goethe e Guimarães Rosa, por exemplo, temos obras cujas traduções feitas por Monteiro Lobato geraram um alto grau de polêmica e uma infinidade de críticas.

O foco do presente trabalho não é, portanto, a figura do célebre tradutor, e sim a imagem figurativa e os papéis temáticos que possam surgir a partir dos milhares de tradutores que atuaram e ainda atuam sob o manto do anonimato. Falar, então, do tradutor anônimo implica necessariamente falar de valores de universo, decorrentes de um *regime de participação*, através de uma sintaxe de transformação que se dá com a *abertura* e a *mistura*.

⁴ A tradução vivida (1º capítulo), Escola de tradutores (capítulos 1 e 14), ambos de Paulo Rónai, e Dire quase La stessa cosa (introdução), de Umberto Eco.

⁵ Cfr. MANCINI; TROTTA; SOUZA, 2007, p.301-302.

O que quer, o que sabe, o que deve e o que pode o tradutor?

De acordo com Paolo Rónai, o "ofício de tradutores é um comércio íntimo e constante com a vida" (Larbaud, 1946, p. 85 apud Rónai, 2012b, p. 19). E deve o tradutor, a partir da "noção de tradução como negociação" (Eco, 2010, p. 12), tomar para si o papel de negociador, de comerciante. A isotopia da negociação implica considerar o caráter comparativo da tarefa de traduzir, os valores a considerar, a troca estabelecida. Voltaremos a isso mais adiante.

Umberto Eco nos ensina que traduzir, ainda que, em um primeiro momento, possa ser uma ação definida como "dizer a mesma coisa em uma outra língua"⁶, apresenta-se, contudo, como tarefa mais complexa. A tradução exige que o tradutor procure entender/perceber como se pode dizer, não a mesma coisa, mas *quase* a mesma coisa em outra língua⁷. E mais importante, de acordo com o italiano, do que a ideia em torno dos termos *mesma* ou *coisa*, imprescindível para o tradutor é captar a ideia desse *quase*⁸ e o quanto elástico ele deve ser⁹.

Ser um tradutor é um fazer (ou um papel) que demanda de seu executor uma série de competências que, semioticamente falando, advêm da modalização do ser e do fazer desse sujeito tradutor. "Tanto para a modalização do ser quanto para a do fazer, a semiótica prevê essencialmente quatro modalidades: o querer, o dever, o poder e o saber" (Barros, 2005, p.44)

Falar, pois, de competência e de modalização requer, por exemplo, falar de um *dever* entender como se diz *quase* a mesma coisa em outro idioma; implica falar do *saber* que possibilita o entendimento do sistema de uma língua e da estrutura de um texto nessa língua; significa, enfim, falar de um *querer* e de um *poder* perceber quais sejam e como variam as "margens de infidelidade em relação a um núcleo de presumida fidelidade" (Eco, 2010, p. 17).

⁶ Tradução nossa. "Dire La stessa cosa in un'altra lingua".

⁷ Cfr. ECO, 2010, P. 9-10.

⁸ A gradação implícita no "quase" aponta para tematizações muito relevantes, de que falaremos adiante.

⁹ Cfr. ECO, 2010, P. 9-10.

Papéis temáticos

De acordo com Eco¹⁰, traduzir significa entender o sistema de uma língua e a estrutura do texto (em tal língua) a ser traduzido, construindo-se, então, uma duplicação desse sistema textual que, a partir de um determinado prisma/olhar ou, nas palavras do italiano, "sob uma certa descrição"¹¹, seja capaz de produzir efeitos (em seu leitor) semelhantes àqueles aos quais o texto fonte estava inclinado. Segundo Eco,

sob uma certa descrição significa que cada tradução apresenta margens de infidelidade em relação a um núcleo de presumida fidelidade, mas a decisão acerca da posição do núcleo e da amplitude das margens depende dos propósitos para os quais se volta o tradutor¹². (ECO, 2010, p. 16)

A partir de Umberto Eco¹³ (tanto da citação acima, quanto do modo como o italiano define a tradução¹⁴), percebemos a presença do tema da fidelidade e a ocorrência de uma gradação no uso que Eco faz do termo ‘quase’(apontado por ele como elástico). A noção de fidelidade (que é ladeada [em Eco] pelo adjetivo “presumida”, está *localizada* em um “núcleo” e é *circundada* por uma “margem de infidelidade”) é, então, modalizada a partir da gradação anteriormente referida. Tal gradação se estende à oposição temática *fidelidade x infidelidade*, através do modo como o tradutor se vale da *elasticidade* de seu “dizer quase a mesma coisa”.¹⁵ Em outras palavras, as escolhas que faz o tradutor determinam o grau de fidelidade/infidelidade presente em sua tradução. As metáforas espaciais de núcleo e periferia localizam os passos do tradutor, controlam seu percurso. A decisão, entretanto, do que considerar núcleo e periferia é do próprio tradutor. Inclui-se, aqui, uma modalização pelo saber que parece acompanhar todas as declarações dos tradutores aqui considerados.

Em Rónai, uma coletânea de definições bastante figurativas acaba por reforçar essa oposição temática:

¹⁰ Cfr. ECO, 2010, p. 16-17.

¹¹ Tradução nossa. “Sotto una certa descrizione”. Entendemos o termo *descrizione* (traduzido como *descrição*) como sendo o olhar, a perspectiva do tradutor em relação ao texto a ser traduzido.

¹² Tradução nossa.

¹³ Dire quasi la stessa cosa.

¹⁴ Cfr. ECO, 2010, p. 9-10.

¹⁵ *Dire quasi la stessa cosa*. Tradução nossa. Grifo nosso.

André Gide, tradutor ele mesmo, comparou a profissão à de um picador que pretendesse levar o próprio cavalo a executar movimentos que não lhe fossem naturais.

Irreverente, Goethe assimilou os tradutores a "alcoviteiros que nos elogiam uma beldade meio velada como altamente digna de amor e que excitam em nós uma curiosidade irresistível para conhecermos o original" (...).

Frequentemente o original foi comparado à alma e a sua versão ao corpo; a não ser que ele fosse identificado com o corpo e a versão com o traje.

Para Cervantes, a tradução seria o avesso de uma tapeçaria. Ao nosso contemporâneo Helmut Braem, por sua vez, ela aparece como uma nova tapeçaria tecida de acordo com um modelo dado.

Mais de uma vez o tradutor tem sido comparado a artistas: ao cantor que canta uma canção escrita por outro, ao músico que num instrumento toca uma música escrita para outro instrumento (mme. de Staël), ou que decifra e 'rescreve' toda a partitura; ao maestro que rege composições alheias; ao escultor que tem de executar noutra material qualquer a cópia de uma estátua de mármore (Werner Winter); ao pintor que copia em óleo um pastel; ao ilustrador de um livro; ao ator que encarna os mais diversos papéis (Juliusz Zulawski); (...)

Chegados a um impasse depois do outro, quantos profissionais não se compararam a Sísifo ou a Tântalo, duas personagens da mitologia, que encarnam o desejo (RÓNAI, 2012a, p. 25-27).

Em algumas das comparações trazidas por Rónai, são bastante claros os possíveis papéis temáticos do tradutor. Tem-se, por exemplo, o picador/adestrador (envolvido pela oposição temática artificialidade *versus* naturalidade, em que os movimentos não naturais representam o ato tradutório) e o alcoviteiro (que traz à tona o tema da trapaça, da simulação, através de figuras como a da “ beldade meio velada”, mas também da “ curiosidade”. Reitera-se, com esse percurso figurativo inspirado na “ irreverência” de Goethe a oposição entre fidelidade e infidelidade, já contida na comparação com a função “ artificial” do adestrador.

O tema da simulação, perceptível na comparação com o alcoviteiro, leva à relação entre aparência e essência desenvolvida na metáfora seguinte, em que a primeira está para a tradução (corpo ou traje) e a segunda está para o original (alma ou corpo).

Muito recorrente é a atribuição, ao tradutor, do papel temático de artista em geral, papel esse que se pode desmembrar em diversas "especialidades", todas elas associadas a uma espécie de traição ou simulação.

Em todos os papéis comentados (cantor, músico, maestro, escultor, pintor, ator), apresentam-se figuras que tematizam a apropriação de algo que pertence a outro, indicada pelas escolhas lexicais de pronomes indefinidos e nomes com valor semântico equivalente – outro, quase, alheio – e figuras que, concretizadas em verbos, apontam para as ações que explicitam um saber “encarnar” ou “copiar”, que põem novamente em foco a oposição entre fidelidade e infidelidade.

Além disso, os temas do impasse e da dificuldade permeiam e preenchem cada uma das analogias reportadas por Rónai e relativas ao tradutor, refletindo os desafios e as imposições que estão presentes no ofício da tradução. Os referidos papéis são construídos no discurso analisado por meio de figuras como "noutro material", "composição alheia", "diversos papéis", "quadro de museu", "foto colorida", entre outras, que, através de ações como *decifrar*, *executar*, *copiar* e *encarnar*, corroboram as isotopias da adaptação (a um novo meio/material/estilo) e do desafio/impasse (de conseguir executar tal ação/adaptação).

Como forma de retratar os temas da dificuldade e do impasse, enfrentados pelo tradutor, Rónai finaliza sua série comparativa com analogias que "vestem" o referido profissional de papéis temáticos oriundos da mitologia. Pode o tradutor, portanto, "encarnar" Sísifo¹⁶ ou Tântalo¹⁷, a fim de que se apresente o tema da dificuldade/impasse, do sofrimento de quem deseja algo inalcançável. E, para que dê conta de tamanha dificuldade, deve o (hábil) tradutor "encarnar" o papel temático de Proteu¹⁸ e desse modo conseguir se moldar a toda e qualquer situação.

¹⁶ Por conta de haver ofendido os Deuses, recebeu "um castigo exemplar. Deveria rolar uma enorme pedra morro acima, até o topo. Porém, chegando lá, o esforço despendido o deixaria tão exangue que a pedra se lhe soltaria e rolaria morro abaixo. No dia seguinte, o processo se daria novamente, e assim pela eternidade, como forma de envergonhá-lo pela sua esperteza em querer enganar os deuses e a morte". (In: <http://www.saberepreciso.com/2013/02/o-mito-de-sisifo.html>).

¹⁷ “Tântalo foi condenado ao suplício de fome e de sede eternas. Mergulhado em águas até ao pescoço, quando ele se debruçava para beber água, esta desaparecia. Por cima de sua cabeça, pendiam ramos de árvores com frutos saborosos, porém o vento retirava do seu alcance sempre que tentava apanhá-los. O aviso dos deuses ficou na memória de todos: todo ser humano que provar da ambrosia dos deuses seria condenado ao suplício de Tântalo”. (In: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/11/tantalo.html>)

¹⁸ “Proteu, cuja paternidade parece variar mas que nunca deixa de ser um deus marinho, é uma figura com a dupla capacidade de prever o futuro e de mudar de forma. Quando, na Odisseia, Menelau se aproxima dele em busca de alguma informação, o deus vai mudando de forma, com intenção de assustar ou afastar quem o interpelava, mas o irmão de Agamémnon não deixa de o agarrar, acabando o deus, no final, por revelar a informação pretendida”. (In: <http://mitologia.blogs.sapo.pt>).

Não por acaso, Paulo Rónai faz referência à analogia (sugerida também por Guimarães Rosa) entre o ofício da tradução e o leito de Procusto¹⁹, visto que, tal qual o citado objeto, também o ato tradutório está em constante processo de adequação/inadequação, buscando sempre a "medida" ideal.

Essas oposições parecem ir além da questão da fidelidade/infidelidade. Elas se tornam “impasses”, mostram o impossível da tradução. O tema da impossibilidade é mais profundo que o da fidelidade, mas a oposição fidelidade/infidelidade parece então mostrar, em superfície, o drama de todo tradutor em profundidade – fazer o que se sabe ser impossível, infrutífero, o que estará sempre em falta.

A idealização que Rónai faz do tradutor corrobora essa impossibilidade. Vejamos:

o conhecimento ótimo do próprio idioma, a posse pelo menos razoável do idioma-fonte e uma boa dose de bom-senso são apenas as três primeiras condições. Deve um bom tradutor literário possuir uma cultura geral que lhe possibilite identificar os lugares-comuns da civilização, sem o que estes se transformam em outras tantas armadilhas. Uma curiosidade inteligente, uma desconfiança sempre alerta são condições indispensáveis (RÓNAI, 2012a, p. 35).

Rónai apresenta aqui algumas das competências que tornam o tradutor uma espécie de detentor de todos os saberes: conhecer as línguas e ter cultura geral, para *saber* identificar possíveis problemas. Rónai vai também ao ser do tradutor: ele deve *ser* curioso, inteligente, desconfiado, esperto.

Será necessário acrescentar a exigência óbvia²⁰ de o tradutor não parar de estudar a língua de sua especialização, de aproveitar todas as ocasiões de lê-la, falá-la e escrevê-la? De se manter em dia com a evolução e as novidades de seu próprio idioma? De permanecer atualizado, em sintonia com a sua época? (RÓNAI, 2012a, p. 39)

¹⁹ “Procusto era um ladrão que vivia de roubar quem passasse pela estrada que ligava Mégara a Atenas, só poderia cruzar seu caminho quem passasse por um terrível julgamento, o bandido possuía uma cama de ferro de seu tamanho exato, nenhum centímetro a mais ou a menos, onde ele fazia sua vítima deitar-se, se a pessoa fosse maior que a cama amputava-lhe as pernas, se fosse menor era esticada até atingir o tamanho desejado” (in: <https://professorjoaopaulo.com/mitologia/o-mito-de-procusto/>)

²⁰ Grifo nosso.

Paulo Rónai reitera o já dito, sobrecarrega o tradutor de saberes e institui um modo de ser que se aproxima da idealização. Institui-se, assim, um modo reiterativo de estabelecer sempre a falta, a incompletude e a insuficiência como dados concretos de toda tradução.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BELO HORIZONTE, Lúcia. Tântalo – quem tudo quer, tudo perde. <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2010/11/tantalo.html> . 30/08/2016.

COURTÉS, J.; GREIMAS, A. J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*. Milão: Bompiani, 2010.

FIORIN, José Luiz. Modalização: Da língua ao Discurso. In: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4204/3799>. 2000. Visualizado em [25/09/2016](http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/download/4204/3799).

_____, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

MANCINI, R. C.; SOUZA, Silvia Maria de; Trotta, Mariana. Análise semiótica da propaganda Hitler, da Folha de São Paulo. In: *XIII Colóquio do CPS*, 292-304 p.; 2007. Disponível em: http://www.uff.br/sedi/PDFS/2007_Mancini_CPS2007FolhaSPHitler.pdf.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012a.

_____, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012b.

SILVA, Ovídio. O mito de Proteu. <http://mitologia.blogs.sapo.pt/>. 30/08/2016.

SPERCHI, Augusto. *O mito de Sísifo*. In: <http://www.saberepreciso.com/2013/02/o-mito-de-sisifo.html>. 30/08/2016.